

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2022

Quaresma, Caminho de Transformação



«Deixai-vos transformar...»
Rm 12, 2

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa: lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Sara Bello
Victoria Coimbra

Comentários e sugestões para:
[**cadernodeoracaovd@gmail.com**](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

Quaresma, Caminho de Transformação

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	2 Março - Quarta-feira de Cinzas
12	6 Março - Domingo I da Quaresma
18	13 Março - Domingo II da Quaresma
23	20 Março - Domingo III da Quaresma
27	27 Março - Domingo IV da Quaresma
32	3 Abril - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
38	10 Abril - Domingo de Ramos
42	14 Abril - Quinta-feira Santa
47	15 Abril - Sexta-feira Santa
51	16 Abril - Vigília Pascal
55	17 Abril - Domingo de Páscoa
	PARTE III Textos da Igreja
62	Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 - o logo
64	Resumo da homilia do Papa Francisco na entrega dos símbolos da JMJ a Portugal
66	Breve história da sinodalidade
69	Discurso comemorativo do 50º aniversário do primeiro Sínodo

Quaresma, Caminho de Transformação

Quando penso em “Quaresma”, ainda tenho na cabeça um caminho tristonho, escuro, que queria que terminasse rapidamente, com celebrações compridas, com regras a cumprir, com muitas proibições. 40 dias era muito para mim, quase um caminho interminável, onde toda a tensão se resolvia, depois, numa só noite, quando tudo mudava com rapidez: passávamos da escuridão à luz, da tristeza à alegria, do choro ao riso, da morte à vida! Como era possível? Certamente, era eu que não compreendia muito bem - e isso aconteceu durante muitos anos.

Esta era a minha forma de pensar e, se calhar, também a de alguns de vocês. Mas hoje o meu caminho de Quaresma é muito diferente. Passou a fazer sentido escutar, domingo após domingo, as leituras que, ao longo da semana (depois de as ter rezado), vou concretizando, para alinhar o meu caminho com o passo de Jesus - e assim compreender as suas opções, decisões, compromissos e a Sua coerência de vida. E é toda essa realidade, e não apenas as ideias, o que me vai transformando. É ao estilo de Jesus, com Jesus e em Jesus, que a transformação se vai dando, e é verdadeira.

Quando, na quarta-feira de cinzas, começamos esse caminho de interioridade, o Evangelho (Mt 6,1-6.16-18) aconselha-nos a fazer e viver sem dar nas vistas, sem proclamar ao mundo tudo o que rezo, que jejuo, que dou de esmola. O que já pressupõe um grande desafio. Sou eu, somente eu, que o tenho de viver e discernir o quê, como, com quem e para quê o vou fazer. Assim, com liberdade, a partir de dentro, contagiada e condicionada por Jesus, é como desejo viver esta Quaresma; vou ser eu a viver, vou ser eu a escolher, vou ser eu a acolher e vou ser eu a deixar-me transformar.

Vou procurar o meu lugar no deserto (Lc 4,1-13) e subir ao monte para fazer a experiência de me deixar invadir pela brancura fulgurante de Jesus (Lc 9, 29). Não quero ser posta de fora da vinha do Senhor, pelo que gostaria de dar fruto (Lc 13,6-9), desejo chegar ao IV domingo da Quaresma e contemplar os dois filhos do Pai Bom e sentir o abraço, o carinho e o perdão. Se conseguir chegar ao domingo V da Quaresma, nada seria melhor do que ser defendida por Jesus e saber defender assim os outros (Jo 8,1-11).

Ainda faltam alguns dias para começar a Quaresma, e, enquanto estou a rezar para fazer esta introdução ao caderno (já sabem que o temos de o fazer com tempo, para que vocês possam usufruir), está a surgir em mim uma vontade enorme de que seja quarta-feira de cinzas, de querer experimentar esse caminho de 40 dias com consciência, com disponibilidade, e de pôr nele a mente, o coração e as minhas forças.

Isto é o que convido a todos a viver.

Uma boa Quaresma, caminhando com Jesus.

Chegou até à Cruz

parte I

Quaresma

Motivações certas no mistério da vida!

Jl 2,12-18 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus

discípulos: “Tende cuidado em não praticar as

Sl 50 (51) vossas boas obras diante dos homens, para

serdes vistos por eles. Aliás, não tereis

2 Cor 5,20–6,2 nenhuma recompensa do vosso Pai que está

nos Céus. Assim, quando deres esmola, não

Mt 6,1-6.16-18 toques a trombeta diante de ti, como fazem os

hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para

serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam

a sua recompensa. Quando deres esmola, não saiba a tua mão

esquerda o que faz a direita, para que a tua esmola fique em

segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa.

Quando rezardes, não sejas como os hipócritas, porque eles

gostam de orar de pé, nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para

serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a

sua recompensa. Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto,

fecha a porta e ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que

está oculto, te dará a recompensa. Quando jejuardes, não tomeis

um ar sombrio, como os hipócritas, que desfiguram o rosto, para

mostrarem aos homens que jejuam. Em verdade vos digo: já

receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares,

perfuma a cabeça e lava o rosto, para que os homens não

percebam que jejuas, mas apenas o teu Pai, que está presente em

segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a

recompensa”.»

(Mt 6, 1-6.16-18)



esta Quarta-Feira de Cinzas, o Evangelho de Mateus apresenta-nos Jesus com os Seus discípulos, advertindo estes a terem atenção aos seus “movimentos interiores”.

Nesta passagem e neste dia, celebrado na Igreja, Jesus chama-nos, pede-nos um cuidado redobrado, não para as nossas más ações, mas para as nossas verdadeiras motivações quando aparentemente seguimos por “bons” caminhos. Compreendermos as nossas verdadeiras motivações é um meio para compreendermos o estado do nosso coração, o que nos habita, onde colocamos o nosso tesouro.

Que este tempo de oração, enquanto leio e reflito sobre esta passagem, seja oportunidade para me aconchegar no colo de Deus, colocando o tesouro que é a minha vida nas Suas mãos!

Reconheço que tenho muitos momentos na minha vida em que faço o que faço, seja na partilha, seja na procura de Deus ou no esforço de viver com menos, e sinto esta grande dificuldade em seguir as motivações certas... E acredito que isso se deve ao facto de continuar a construir os meus alicerces sobre a opinião dos outros! Ao facto de continuar a procurar nos outros o meu reconhecimento, o meu valor, a minha autoestima!

Encontrar-me habitado por Deus, “apertado” pelo Seu amor que me liberta, faz toda a diferença. Permite-me viver com essa mesma liberdade cada ação que tomo, ou que tomam para comigo.

O “praticar o bem” significa exatamente o treino, a repetição até sair bem e de forma natural. São gestos que “salvam” outros, e a mim mesmo.

Os atos de dar “esmola”, de “orar” e “jejuar” são exatamente concretizações do “praticar o bem”. Quando feitos com a motivação

certa, têm em si mesmos a capacidade de se potenciar mutuamente: não há capacidade de partilha (isto é, de “dar esmola”) sem a escuta de Deus que é Pai e nos une e nos torna irmãos. Por outro lado, o “jejum” implica a capacidade de viver com menos para que possa dar mais ao outro. No fundo, estas três dimensões “esmola”, “oração” e jejum” formam um “tripé” que nos pode sustentar na busca contínua de uma vida mais autêntica.

Que o Senhor nos ajude a encontrar a sabedoria e força para viver com as motivações certas! Procuremos a Sua recompensa e não a dos homens, que nunca perdura. A maior marca que podemos ter nas nossas vidas é a marca d’Aquele que nos criou e nos habita!

Um bom tempo de Quaresma que agora se inicia.



“Mistério da Vida”

*Abre-te ao mistério que é a vida.
Não temas o desconhecido...
Dele faz sempre parte o futuro.
Encontra na surpresa um sorriso,
E no vazio a certeza,
Que na tua existência também habita,
Vida que renasce da cinza.
Nela habita tudo o resto,
Também o que até aqui não se via,
O que em ti até aqui não cabia.
Porque agora vês o que não vias,
Podes aquilo que não podias,
Sentes o que não sentias,
Fazes o que antes não fazias,
E descobres que afinal na tua vida,
Cabia tudo o que antes desconhecias.*

(Anónimo)

Pelo amor se negam e se transformam as tentações

- Dt 26,4-10 «Naquele tempo, Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e, no deserto, ele era guiado pelo Espírito. Ali foi tentado pelo diabo durante quarenta dias. Não comeu nada
- Sl 90 (91) naqueles dias e, depois disso, sentiu fome. O diabo disse, então a Jesus: “Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se mude em pão”. Jesus respondeu: “A Escritura diz: Não só de pão vive o homem”. O diabo levou
- Rm 10,8-13 Jesus para o alto, mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo e disse-lhe: “Eu te darei todo este poder e toda a sua glória, porque tudo isso foi entregue a mim e posso dá-lo a quem eu quiser. Portanto, se te prostrares diante de mim em adoração, tudo isso será teu”. Jesus respondeu: “A Escritura diz: adorarás o Senhor teu Deus, e só a eles servirás”. Depois o diabo levou Jesus a Jerusalém, colocou-o sobre a parte mais alta do Templo, e disse-lhe: “Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo! Porque a Escritura diz: ‘Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito que te guardem com cuidado!’ E mais ainda: ‘Eles te levarão nas mãos para que não tropeces em alguma pedra’”. Jesus, porém, respondeu: “A Escritura diz: Não tentarás o Senhor teu Deus”. Terminada toda a tentação, o diabo afastou-se de Jesus para retornar no tempo oportuno.»
- Lc 4,1-13

(Lc 4, 1-13)



As tentações de Jesus no deserto, assim como as tentações que sofremos nos nossos desertos, são tentativas de pôr em causa, diretamente, em maior ou menor medida, aquilo que somos e aquilo em que acreditamos. Colocaram diretamente em causa aquela que era a maior questão de Jesus, e que é a nossa maior questão na fé e que nos move “Quem é Deus para mim?”. Desafiam diretamente a nossa identidade fundamental de filhos muito amados por Deus.

Antes de mais, veja-se que as tentações surgem nos nossos desertos, quando nos falta alguma coisa, quando temos necessidades por satisfazer e não estamos a sentir-nos bem (por exemplo, quando temos fomes e sedes, inseguranças ou dúvidas, quando perdemos o essencial e nos centramos no acessório, etc.). Muitas vezes, vêm de um lugar de carência e fragilidade; ou de uma vontade de nos sentirmos amados, procurando nas pessoas ou nos locais desadequados; ou de inseguranças sobre se somos capazes, se somos necessários, se somos amados; às vezes, até a tentação de não nos deixarmos olhar verdadeiramente, desde logo, por Deus e por nós próprios e de não assumirmos as nossas fragilidades; a tentação da autossuficiência; a tentação dos “poderes” maiores ou menores que temos, etc. Cada um encontrará as suas, e uma boa tática é não deixar as tentações no nosso silêncio, mas sim rezá-las e partilhá-las com alguém.

Em segundo lugar, note-se onde Jesus vai encontrar as Suas respostas às tentações do diabo. Nas escrituras. Na Palavra. Também nós sabemos que, pela Palavra e pela oração, somos guiados pelo Espírito e podemos encontrar as nossas respostas e saciar as nossas sedes e necessidades. É por aí o caminho, pelo diálogo com Deus, fazendo as nossas escolhas em oração, pois muitas vezes as tentações estão tenuemente escondidas.

Em terceiro lugar, a resposta às tentações vem mesmo de um lugar de amor. No caso de Jesus isso é nítido: vem do Amor ao Pai que move Jesus e da missão que tem de realizar. Noutra lugar, no diálogo com a Samaritana (Jo, 4), e em conversa com os discípulos sobre não ter comido nada, Jesus responde-lhes: *“O meu alimento é fazer a vontade Daquele que Me enviou e consumir a Sua obra”*. Só quando estamos muito apaixonados, ligados a um amor, convictos, determinados, focados no que queremos ser e realizar, é que quase nem sentimos a “tentação” ou a sua “força”, a necessidade de olhar e fazer o que não nos traz ou não nos leva ao objetivo que temos, é que não nos desviamos do caminho que queremos.

Isto até parece simples: se soubermos o que queremos e quem amamos, não caímos na tentação. Mas não é. Há muitas variáveis. Não conseguimos sozinhos, mas sabemos e confiamos que, rezando, deixando-nos guiar pelo amor de Deus e por aquilo que Ele quer para nós, encontramos o Caminho, a Verdade e a Vida, encontramos Jesus, para viver a vida que Ele e que nós queremos para nós. Às vezes, rezarmos as tentações e as nossas fragilidades pode ser muito iluminador, pois é nelas que Deus e o Espírito atuam e transformam, e nos fazem ver qual o caminho da transformação.

Assim, ligadas às tentações, por serem talvez a vacina para as evitar ou atenuar as suas consequências, andam questões fundamentais que devemos colocar a nós mesmos, como as seguintes:

- Quem é Deus para mim e na minha vida?
- Qual a vontade do Pai para mim e para a minha vida?
- Como, onde, com quem posso concretizar a mensagem de amor que o Pai quer que viva e transmita?
- Como, onde, quem posso amar mais e melhor?

Se rezar o caminho, conseguirei identificar, recusar, negar, escolher não ceder às tentações, ir por outro caminho, não procurar outros alimentos, não me “endeusar”, não precisar de “ter” ou de “ser” determinadas coisas ou reconhecimentos que não tenho ou que não sou, não saciar as minhas sedes com outras fontes que não a que me traz água viva ou com falsas seguranças e poderes do mundo, que não são aquilo que nos levam a um caminho de Verdade e de Amor. Em Deus e em Jesus, e no amor Dele por nós e no nosso por Ele, encontraremos as respostas para a nossa vida e para as nossas relações.



“A nossa fragilidade é realmente a nossa; de mais ninguém; a nossa vulnerabilidade é tão única como a nossa condição de seres escolhidos ou abençoados. A maneira como somos frágeis é tanto expressão da nossa individualidade como a maneira como somos escolhidos, amados e abençoados.

(...)

Como é que podemos responder a esta vulnerabilidade? Gostaria de sugerir dois caminhos: primeiro fazer as pazes com ela ou aceitá-la; em segundo lugar, colocá-la debaixo de bênção.

(...)

A primeira resposta para tirar partido da nossa fragilidade é, pois, enfrentá-la diretamente e aceitá-la. Isto poderá parecer pouco natural. A primeira e mais espontânea reação à dor e ao sofrimento é procurar evitá-los (...).

Sim, temos que encontrar a coragem para abraçar a nossa própria vulnerabilidade, para fazer do nosso inimigo mais temido um amigo e para o reivindicar como um companheiro íntimo.

Estou convencido que a cura muitas vezes é difícil porque nos recusamos a aceitar o sofrimento. (...)

A segunda resposta à nossa vulnerabilidade é colocá-la sob a égide da bênção. Para mim, «colocar a nossa vulnerabilidade sob a égide da bênção» é uma pré-condição para a aceitar. (...)

Há sempre em nós alguma coisa que procura explicar o que acontece na nossa vida. E, se já alguma vez caímos na tentação da autorrejeição, então todas as desventuras têm a tendência a aprofundá-la ainda mais. Quando perdemos um membro da família, ou um amigo ou quando ficamos sem emprego, quando não passamos num exame, quando temos de enfrentar uma separação ou um divórcio (...) a pergunta que surge é “porquê?” (...)

O grande apelo que é feito aos amados filhos de Deus é que tirem da sombra da maldição a sua situação de fragilidade e a coloquem à luz da bênção.

(...)

O que parecia rejeição torna-se uma vida de comunhão mais profunda. (...)"

(Henri J.M. Nouwen, em "Viver é Ser Amado, Vida no Espírito")

Escutai-o!

- Gn 15,5-12.17-18 «Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte, para orar.
- Sl 26 (27) Enquanto orava, alterou-se o aspeto do Seu rosto e as Suas vestes ficaram de uma
- Fl 3,17-4,1 brancura refulgente. Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias, que, tendo
- Lc 9,28b-36 aparecido em glória, falavam da morte de Jesus, que ia consumir-se em Jerusalém. Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. Quando estes se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Não sabia o que estava a dizer. Enquanto assim falava, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem. Da nuvem saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”. Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.»
- (Lc 9, 28b-36)



Estamos em pleno caminho de Quaresma. Neste domingo, o Evangelho narra o episódio da transfiguração de Jesus. É uma leitura que sempre me intrigou, porque parece deixar-nos com mais por esclarecer do que com respostas. Começa com uma referência muito concreta a três apóstolos – Pedro, Tiago e João –, que acompanham Jesus ao monte para orar. Logo aqui, começo a questionar-me: porquê estes três? Porque terá querido São Lucas que soubéssemos quem ia com Jesus? Em seguida, temos o belíssimo momento da transfiguração: Jesus, o Seu rosto, as Suas vestes, transformam-se com a oração. Até aqui, não há complicações de maior, percebemos que a oração de Jesus com o Pai foi apaziguadora, transformadora. Sabemos que, quando conseguimos, de facto, que a oração seja sincera, que seja mesmo uma conversa com Deus (quando conseguimos afastar os ruídos exteriores e interiores que nos perturbam), sentimos essa paz. E esta leitura fala-nos da importância de procurarmos um espaço e um tempo para nos dedicarmos à oração.

Mas, a seguir, as coisas complicam-se. Jesus já não está a rezar sozinho, está acompanhado por Moisés e Elias, e com eles fala da sua morte! Nesse momento, os três apóstolos, estavam a dormir (como dormiam, tristes, quando Jesus lhes pediu para orarem, no Monte das Oliveiras, no dia da Sua prisão; será este sono semelhante ou diferente?). Despertam, talvez estremunhados, certamente admirados, e Pedro propõe que fiquem, que fiquem todos eles, onde se está tão bem. Diz-nos a leitura que Pedro “não sabia o que estava a dizer”. Por esta altura, nós também já não sabemos o que dizer... Para desafiar ainda mais a nossa compreensão (como aconteceu também com os apóstolos) são cobertos por uma nuvem e ouve-se a voz de Deus! Que reafirma (já o tinha feito aquando do batismo de Jesus) que Ele é o Seu filho muito amado e pede (ordena?): Escutai-o! Em seguida, Jesus fica só.

E esta afirmação, não parece ser só uma constatação, parece lembrar-nos a solidão que Jesus vai viver até à Sua morte. Que, até à Ressurreição, haverá um calvário. A passagem termina dizendo que os discípulos guardaram silêncio e segredo do que viram.

Li, recentemente, que as escrituras têm três prismas de leitura: o seu significado histórico, a intenção do autor do texto, e o significado existencial para quem lê, hoje. Ao rezar esta leitura, imaginei que Jesus, é-nos dito algumas vezes, tinha de se afastar das multidões que o rodeavam, de subir ao monte para se aproximar do Pai. É também claro que Lucas reafirmava que Jesus vinha cumprir o que estava escrito, que era ele o Messias, o eleito de Deus, anunciando-nos a Sua morte e a Ressurreição. Mas, o que nos diz, o que me diz, hoje, esta leitura, simultaneamente apaziguadora e perturbadora?

Há três aspetos que gostaria de referir. Em primeiro lugar, o poder transformador da oração, mas, também, o facto de Jesus ter procurado o tempo e o espaço para a fazer. Muitas vezes, dizemos que não conseguimos rezar, que não temos tempo, que o nosso espaço não convida à oração. Podemos sempre lembrar-nos de que também Jesus teve de encontrar esses momentos e tentar pôr os meios necessários para termos um momento de oração que possa ser verdadeiramente transformador. Ou seja, se queremos deixar-nos transformar, é preciso que, dentro das nossas circunstâncias, arranjemos o tempo e o espaço para a nossa oração. Depois, interpelou-me muito a questão da escuta, a importância de estarmos abertos à mensagem de Jesus, a escutá-la realmente e a trazê-la para a nossa vida – foi “só” o que Deus nos pediu! Por fim, refiro, ainda, a nossa incompreensão das coisas que, tantas vezes, nos ultrapassam. Não percebemos o que se está a passar, ficamos perplexos com os acontecimentos, com aquilo que a vida nos traz de inesperado, propomos soluções descabidas, como fez Pedro. Nestes tempos em que racionalizamos tudo, em que saber a razão

das coisas, apurar responsabilidades para o que corre mal, parece ser mais importante do que viver os próprios acontecimentos, é-nos muito difícil aceitar que há mistérios que nos ultrapassam, inquietações que não vamos ver resolvidas, acontecimentos que não vamos assimilar nem compreender na sua totalidade. Aceitar que não compreendemos nem controlamos tudo poderá, também, fazer parte da nossa transformação neste caminho quaresmal.



Oração para pedir silêncio e escutar Deus

*Ajuda-me a fazer silêncio, Senhor,
quero escutar a Tua voz.
Segura a minha mão,
guia-me ao deserto,
fiquemos a sós,
Tu e eu.*

*Quero contemplar Teu rosto,
preciso do calor da Tua voz,
caminhar Contigo,
calar para que Tu fales.*

*Coloco-me em Tuas mãos,
quero rever minha vida,
descobrir em que posso mudar,
garantir o que tenho de bom,
surpreender-me com o novo que me pedes.*

*Às vezes, acho que Te escuto,
quando na verdade
ouço a minha voz.
Ensina-me a discernir!
Dá-me luz para distinguir Teu rosto.*

*Leva-me ao deserto, Senhor,
despoja-me do que me ata,
sacode minhas certezas,
coloca meu amor à prova
para começar de novo,
humilde, simples,
com força e espírito
para viver fiel a Ti.*

Murmurar com Jesus

- Ex 3,1-8.13-15 «Nessa ocasião, apareceram alguns a falar a Jesus dos galileus, cujo sangue Pilatos tinha misturado com o dos sacrifícios que eles ofereciam. Respondeu-lhes: “Julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros galileus, por terem assim sofrido?”
- SI 102 (103)
- 1 Cor 10,1-6.10-12 Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos igualmente. E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé, matando-os, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos da mesma forma”. Disse-lhes, também, a seguinte parábola: “Havia um homem que tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi lá ver se tinha figos e não encontrou nenhum. Disse então ao homem que lá trabalhava: ‘Escuta! Há três anos que venho procurar figos a esta figueira e não encontro nada. Portanto, corta-a. Por que há-de ela continuar a ocupar o terreno?’ Mas o trabalhador respondeu: ‘Deixa-a ficar ainda este ano, que eu vou cavar em volta e deitar-lhe estrume. Pode ser que dê fruto. Se não der, manda-a cortar então’”» (Lc 13, 1-9)

«(...) Todos comeram do mesmo alimento espiritual e todos beberam da mesma bebida espiritual; pois bebiam de um rochedo espiritual que os seguia, e esse rochedo era Cristo. (...)

Não murmureis, como murmuram alguns de eles e pereceram às mãos do Exterminador. Assim, pois, quem pensar estar de pé tome cuidado para não cair.» (1 Cor 10, 1-6.10.12)

“**P**ode ser que venha a dar fruto”... Senhor, como fico admirada por deixares ficar a figueira que “pode ser que venha a dar fruto”. “pode ser?” Quando algum dos meus filhos me responde pode ser, imediatamente respondo: “então não”! Penso que, como todos hoje em dia, vivo a uma velocidade muito grande, onde não há tempo a perder com “pode ser”. As coisas são ou não, as pessoas querem ou não querem.

Mas tu, Jesus, vens mais uma vez, com uma enorme delicadeza e de forma inesperada, mostrar-me o contrário. Tu vais deixar que a figueira se mantenha na horta, porque pode ser que dê fruto. Tu não vais desistir de mim, nem expulsar-me da tua horta, porque eu posso vir a dar fruto. E mais, como já me vais conhecendo ao longo de todos estes anos, vais arranjar um hortelão, que cave à minha volta e me ponha adubo. Vejo claramente que o Hortelão é esta comunidade tão viva, cheia de pessoas que diariamente rezam e tornam a oração tão mais fácil e acessível a todos. Neste caso, diria que a comunidade é o hortelão e a Palavra o adubo. Que consolo é saber que nunca desistes de nós, mesmo sabendo que os frutos não são garantidos, mas podem vir!

Mas eu gostava de dar frutos, gostava muito que este amor, esta paciência e disponibilidade infinita que tens para comigo dessem frutos. Mas, para dar frutos e frutos mais permanentes e consistentes, preciso de me converter, preciso de me deixar transformar. Então o que me impede de me converter, o que me impede de me deixar transformar?

Aliás, vem escrito que se eu não me converter, morrerei da mesma forma que os da torre de silóé. Jesus, sabes que fico sempre engasgada quando me surgem estas leituras da morte, tento sempre ir procurar outra. Mas hoje, rezava que morte é o contrário de vida. E não tenho dúvidas de que não há nada que mais queiras do que isso: que eu, e cada um de nós, tenha uma vida plena, saboreada a cada momento, e que seja também instrumento de vida com sabor para os outros com quem me cruzo.

É isso, esta Quaresma mais do que nunca, quero deixar-me transformar, quero converter-me. Porque não são só os outros que necessitam de conversão: os outros não são mais pecadores do que eu. Como explica São Paulo, na 2ª leitura, todos bebemos da mesma bebida espiritual. Jesus, tu vens para todos, mandas o hortelão pôr adubo em todas e cada uma das tuas figueiras. Em mim também!

Muito obrigado, Jesus, pelo consolo que sinto ao saber que sou importante para Ti e que cuidas de mim.

E, a partir de agora, quero poder acordar com esta certeza, com esta confiança, com esta serenidade, por saber que, aconteça o que acontecer durante o meu dia, Tu estás a cuidar de mim. E quero acabar com os murmúrios. Não é o meu género murmurar contra os outros - mas queixar-me para dentro de que estou cansada, de que “sobra tudo para mim”, isso sim, murmuro e murmuro muito.

Pois, a partir de agora, quero murmurar para Ti, e Contigo, entregando-Te cada detalhe do meu dia, pedindo ajuda para o caminho. E já experimentámos os dois o quanto isso é bom, e funciona.

Muito obrigada, Jesus, por seres paciente, bondoso e compassivo. Muito Obrigada pelas pessoas (hortelões) que pões no meu caminho e, acima de tudo, muito obrigada pelo teu amor infinito.



Rezar o que não conseguimos

Ensina-nos, Senhor, a entregar nas Tuas mãos não só as nossas vitórias risonhas, mas também os fracassos que nos pesam; não só o bem que floriu em nós, mas também aquele que deixámos, em algum momento, por realizar.

Ensina-nos, Senhor, a rezar os caminhos sem saída do nosso coração, os bloqueios à vida que quotidianamente descobrimos em nós, a resistência ao amor e ao perdão que se transmuta tão facilmente em maledicência, rancor ou lamúria...

Ensina-nos, Senhor, a pedir o Teu socorro para aquilo que não conseguimos: a escuta que não conseguimos fazer na medida necessária, a alegria que não conseguimos acender ou partilhar em nosso redor, a bondade que não conseguimos sobrepor ao impulso justiceiro, a empatia que não conseguimos que prevaleça sobre os juízos caprichosos com que liquidamos dentro de nós a voz dos outros.

Ensina-nos Senhor que aquilo que displicentemente explicamos como «o nosso feitio» é, no fundo, uma falta de feitio evangélico que não queremos enfrentar.

(P. Tolentino, 17.01.2022)

Deixar-nos transformar em filhos

- Js 5,9-12 «Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde.’ E o pai repartiu os bens entre os dois.
- Sl 33 (34)
- 2 Cor 5,17-21 Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada. Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E, caindo em si, disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados.’ E, levantando-se, foi ter com o pai.
- Lc 15,1-3.11-32 Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.’ Mas o pai disse aos seus servos: ‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.’ E a festa principiou. Ora, o filho mais velho estava no campo.

Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: ‘O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.’ Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse.

Respondendo ao pai, disse-lhe: ‘Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.’

O pai respondeu-lhe: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu.’

Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.»
(Lc 15, 11-32)



filho pródigo! Deve ser das parábolas mais lidas e estudadas dos Evangelhos. Lembro-me de ter lido, em tempos, o livro de Henri Nouwen “O regresso do filho pródigo” e do quadro homónimo de Rembrandt. Todavia, é tão densa e rica que temos que a ler e rezar mais que uma vez, de várias formas, para a poder apreciar.

Podemos colocar-nos no lugar de cada um dos três personagens e tentar perceber o que sentiram nos vários momentos, começando por lembrar que um filho pedir a herança ao pai era o mesmo que o considerar morto... Também podemos tentar ver quão parecidos somos com cada um deles, as situações em que temos atitudes de filho mais novo, que reagimos como o mais velho ou que actuamos com o coração cheio de misericórdia como o pai...

Hoje, tocou-me, em primeiro lugar, o arrependimento do filho mais novo. Ele não voltou para casa assim que se acabou o dinheiro: foi guardar porcos (animal impuro para os judeus); mas foi preciso ser mais maltratado que os porcos para cair em si e reconhecer o seu enorme erro. Humildemente, foi ter com o pai e pediu-lhe perdão. Esta dinâmica de “cair em si”, ir ter com o outro a quem ofendemos e pedir-lhe perdão, parece óbvia, mas julgo que todos experimentamos a dificuldade de a pôr em prática, pelo menos em algumas ocasiões.

Depois temos o pai... em vez de ficar triste e ressentido com o filho mais novo, perdoou-o assim que o avistou ao longe e correu ao seu encontro para o encher de beijos. Acolheu-o sem sequer o deixar terminar o pedido de desculpas... E alegrou-se profundamente com o seu regresso, fez festa e todo um conjunto de sinais (a túnica, as sandálias e o anel) para que não restasse dúvida que aquele era seu filho! E quando o filho mais velho recusou entrar na festa, não só foi ao seu encontro, como lhe suplicou que participasse da sua alegria. Este pai, que acaba por ser rejeitado pelos dois filhos, não se deixa abater pela ingratidão e pela ofensa, nem dominar pela tristeza 29

que, naturalmente, sentiu ao ser assim tratado por quem muito amava; tudo supera com compaixão e misericórdia “resgatando” os dois. E eu? Consigo fazer o mesmo?

A resposta que o pai dá ao filho mais velho é fantástica e perturbadora: *‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu.’* Por que não desfrutamos nós plenamente desta comunhão com o Pai? Por que nem sequer damos conta que a temos à disposição, permanente e incondicionalmente? Talvez seja mais eficaz não nos perdermos a procurar as razões e concentrarmo-nos em tentar vivê-la e desfrutá-la. Na realidade, irmos verdadeiramente ao encontro do Pai.

Felizmente, o Pai alegra-se, abraça-nos e faz festa sempre que nós, seus queridos filhos, voltamos para ele!



"A volta do filho pródigo", Rembrandt

“Apaixonemo-nos pela Sagrada Escritura, deixemo-nos interpelar profundamente pela Palavra, que desvende a novidade de Deus e nos leva a amar incansavelmente os outros. Voltemos a colocar a Palavra de Deus no centro da pastoral e da vida da Igreja! Vamos ouvi-la, rezá-la e colocá-la em prática”

“(...) num mundo dilacerado pela injustiça e pela fome (..) São sempre os mais fracos que pagam o preço”.

“é necessário unir o culto a Deus e o cuidado do homem”.

“Esta é a característica da acção de Jesus: proximidade. Qual é o rosto de Deus que anunciamos na Igreja: o Salvador que liberta e cura, ou o Temível que esmaga avivando os sentimentos de culpa?”.

“No centro da vida do povo santo de Deus e do caminho da fé, não estamos nós com as nossas palavras; no centro, está Deus com a Sua Palavra”

“No momento, há na Igreja as tentações da rigidez, que é uma perversão. Acredita-se que encontrar Deus é tornar-se mais rígido, com mais normas... Não é assim. Quando virmos propostas rígidas, de rigidez, pensemos logo: este é um ídolo, não é Deus. O nosso Deus não é assim”.

(Papa Francisco, Missa do Domingo da Palavra,
Vaticano, 23/01/2022)

“Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra”

Is 43,16-21 «Naquele tempo, Jesus foi para o Monte das Oliveiras. Mas de manhã cedo, apareceu outra

Sl 125 (126) vez no templo, e todo o povo se aproximou d’Ele. Então sentou-Se e começou a ensinar.

Fl 3,8-14 Os escribas e os fariseus apresentaram a Jesus uma mulher surpreendida em adultério,

Jo 8,1-11 colocaram-na no meio dos presentes e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi

surpreendida em flagrante adultério. Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar tais mulheres. Tu que dizes?”. Falavam assim para Lhe armarem uma cilada e terem pretexto para O acusar. Mas Jesus inclinou-Se e começou a escrever com o dedo no chão. Como persistiam em interrogá-l’O, ergueu-Se e disse-lhes: “Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra”. Inclinou-Se novamente e continuou a escrever no chão. Eles, porém, quando ouviram tais palavras, foram saindo um após outro, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio. Jesus ergueu-Se e disse-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?”. Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. Disse então Jesus: “Nem Eu te condeno. Vai e não tornes a pecar”»

(Jo 8,1-11)



minha soberba conduz o meu pensamento a uma primeira leitura deste Evangelho baseada exclusivamente na necessidade de não julgar, nem condenar o próximo. Mas, ao rezar de forma mais profunda, rapidamente tomo consciência de que nesta leitura não devo ser apenas o Jesus que perdoa, mas também, e sobretudo, a mulher que é perdoada. É a partir desta consciência profunda de que somos pecadores, e que, na nossa miséria, contamos com o olhar não acusatório de Jesus, que recuperamos a nossa dignidade. Recuperamos de tal forma que Jesus conta incondicionalmente connosco para cumprir a Sua missão. Insisto neste ponto, TODOS somos muito pouco dignos, apenas o olhar de Deus nos purifica e nos perdoa as iniquidades.

A mensagem de Deus para os escribas e fariseus é muito clara: *“Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra.”* Esta frase remete-nos para algo importante na dinâmica do perdão, que se resume à necessidade de perdoar para também ser perdoado. Quando rezamos a oração do Pai Nosso, dizemos: *“perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”*. Deus não é ingênuo a ponto de achar que perdoamos tudo à nossa volta, apenas nos coloca na pele daqueles Fariseus, em que o persecutório parece tão mais sedutor do que a humildade para reconhecer as nossas culpas.

Esta ideia de perdoar para ser perdoado aparece também em Mateus 18. O homem a quem é perdoada a dívida, ao sair, encontra um homem que lhe devia substancialmente menos. Ao vê-lo, aperta-lhe o pescoço e é incapaz de perdoar. O senhor que o havia perdoado diz-lhe: *“Não devias, também tu, compadecer-te do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?”* (Mt 18, 33).

Esta dinâmica de perdão não acontece apenas entre Deus e os Homens, mas antes, e também, no relacionamento terreno. Se

pretendemos uma sociedade justa e tolerante, devemos cultivar perdão. Se condenarmos, também seremos condenados. O convite de Jesus nesta leitura não é a vivermos uma qualquer utopia. Esta dinâmica pode ser experimentada no seio familiar, onde tantas vezes o conflito nos arrasta para uma vida de infelicidade, ou no nosso trabalho, onde os conflitos interpessoais tornam o ambiente irrespirável.

Outro aspeto relevante da leitura é que em momento algum Jesus confronta a mulher com a sua situação de pecado, nem tão pouco lhe diz que a perdoa. Todos os seus gestos e palavras apontam no sentido de um perdão que não precisa de ser verbalizado. A condição de pecado é, por si só, geradora de infelicidade e sofrimento. Pouco sabemos desta mulher, talvez seja ingénuo pensar que, ao experimentar o encontro com Jesus, toda a sua vida se tenha transformado e que não tenha voltado a pecar. Mas as palavras de Jesus não são de tolerância em relação ao pecado, apenas de misericórdia em relação a nós pecadores: *“Vai e não tornes a pecar”*.



“Pedimos-Te perdão por todas as falhas que possamos ter de pensamento, de desejos, de palavras e de obras. Perdão por tudo o que falhámos em toda a nossa vida. Queremos que isso nos sirva de embalo, de ajuda, de estímulo para um amor mais puro e total.

A quem muito se perdoa, Tu mesmo O dizes, muito ama. Logo muito amor esperas de nós. Somos pecadores, falhamos, temos debilidades, as consequências dos frutos da carne e as marcas que deixa em nós. Queremos que estas fiquem totalmente apagadas, sem que fique sequer qualquer cicatriz, pela enorme força do Teu amor, para que seja verdade o que tanto desejas: que tenhamos uma imagem perfeita «como o Pai celestial é perfeito.”

(A solas, Oraciones de un evangelizador, 2015, p 174
(tradução livre) - Jaime Bonet)

parte II **Semana Santa e Páscoa**

A mudança só vem do encontro

Lc 19,28-40 «Quando chegou a hora, Jesus sentou-Se à mesa com os seus Apóstolos e disse-lhes:

Is 50,4-7 “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de padecer; pois digo-vos que não tornarei a comê-la, até que se realize plenamente no reino de Deus”.

Sl 21 (22) digo-vos que não tornarei a comê-la, até que se realize plenamente no reino de Deus”.

Fl 2,6-11 Então, tomando um cálice, deu graças e disse: “Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que

Lc 22,14–23, 56 não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o reino de Deus”.

Depois tomou o pão e, dando graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: “Isto é o meu Corpo entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim”.

No fim da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu Sangue, derramado por vós”.»

(Lc 22, 14-20)



este domingo celebramos o Domingo de Ramos. Somos introduzidos nos últimos dias da vida de Jesus que celebraremos durante a Semana Santa.

Começamos com o relato da entrada de Jesus em Jerusalém a ser aclamado pelo povo. Terminamos com a sua sepultura, após a sua Paixão e tendo sido abandonado por esse mesmo povo.

No início da Última Ceia, Jesus tem estas palavras para os seus discípulos (para nós): *“Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa”*. Jesus está ciente do que estará para acontecer pois acrescenta: *“antes de padecer”*.

Sempre que sou colocado frente a estas palavras oiço-as como dirigidas a mim. Dirigidas a cada um de nós.

Perante o que se avizinha Jesus explicita que o que mais quer é estar junto dos seus e partilhar aquele momento com eles. *“Tenho desejado ardentemente”*.

Estas palavras foram ditas há perto de dois mil anos aos doze que o acompanhavam. Mas Jesus vai repetindo essas palavras a cada um de nós... Ele deseja ardentemente hoje poder estar connosco e partilhar o que vivemos a cada momento. Vivo tão focado nas minhas preocupações, nos problemas do amanhã, nas urgências, que não oiço. Não Lhe dou tempo na minha vida, não Lhe dou espaço no meu coração.

A Paixão é o maior gesto de Amor, pois é a entrega última. Mas, Jesus não muda o que deseja fazer, mesmo perante o perigo da morte. Na Última Ceia, Jesus quer estar com os seus amigos, com os seus discípulos. E não é um querer estar casual é um querer estar desejado de uma forma ardente. Este estar com os seus é, também, um enorme gesto de Amor.

Ajuda-me, Senhor, a olhar para este Evangelho e aceitar dar-te espaço. A não deixar que os problemas de amanhã (por mais graves que sejam) me impeçam de estar Contigo.

Ajuda-me a acreditar que, tal como com os teus discípulos, também desejas ardentemente estar comigo. Ajuda-me a acreditar que posso receber esse teu Amor que se quer entregar a mim, que se quer entregar a cada um de nós.

Só nesse Teu encontro comigo posso deixar-me transformar. Só assim posso ir aprendendo a *“falar como um discípulo”*, posso aprender a *“dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos”*. Só acolhendo esse Teu estar comigo me fará *“escutar, como escutam os discípulos”*.

Ajuda-me, Senhor, a aceitar estar Contigo e receber esse amor que me queres oferecer. Ajuda-me a que, nesses encontros Contigo, eu me vá transformando. Ajuda-me a querer ter vontade de me encontrar com os outros e a transmitir o amor que gratuitamente recebo.



Hoje há consenso sobre o facto de que os Evangelhos começaram a ser redigidos a partir do relato da Paixão; e que antes de serem constituídos na forma a que chegaram, já existia, como seu embrião, a narrativa da Paixão.

Por isso, quando os primeiros cristãos se reuniam, era para recordar a Paixão do Senhor. Ela é, efetivamente, o núcleo vital de tudo o que diz respeito a Jesus. E é a história que nos funda como cristãos, que nos confere a identidade, que nos faz ser.

Quer estejamos ou não conscientes, nós, cristãos, somos uma consequência da Paixão de Cristo. Disponhamos por isso o nosso coração a acolhê-la uma vez mais.

Pode dar-se o caso de nunca estarmos verdadeiramente confrontados com ela. Talvez nunca a tenhamos ainda considerado uma história especialmente dirigida a cada um de nós.

A Paixão de Jesus atesta a verdade fundamental do seu amor, que não é abstrato ou sem destinatário. É um amor real, que podemos experimentar sempre.

Jesus vive a sua Paixão como um ato de compaixão sem medida a nosso favor. Jesus abraça a nossa condição, a nossa inconsistência, abraça aquilo que em nós nos agrada e que não nos agrada, abraça aquilo que nos entristece ter acontecido ou simplesmente não ter acontecido.

Jesus aceita ser provado em tudo para abraçar tudo em nós: «Eu estive sempre ao vosso lado, nunca estive longe de vós, nunca alguma coisa vos separou do meu amor».

(D. José Tolentino Mendonça
“Consequência do amor” in imissio.net)

Deixai-vos transformar... em pão (para o mundo)

Ex 12,1-8.11-14 «Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os Seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

Sl 115 (116)

1 Cor 11,23-26 Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois

Jo 13,1-15

deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.

Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: “Senhor, Tu é que me lavas os pés?” Jesus respondeu-lhe: “O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.” Disse-lhe Pedro: “Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!” Replicou-lhe Jesus: “Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.” Disse-lhe, então, Simão Pedro: “Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!” Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’, e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também”.»

(Jo 13, 3-15)

«Meus irmãos: Eu próprio recebi do Senhor o que por minha vez vos transmiti: O Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue,

tomou o pão e deu graças; depois partiu-o e disse: “Isto é o Meu Corpo que é para vós. Fazei isto em memória de mim”. No fim da ceia, fez o mesmo com o cálice e disse: “Este cálice é a Nova Aliança no Meu Sangue. Fazei isso sempre que o beberdes em memória de Mim”.»

(I Cor 11, 23-26)



o preparar as pistas de Quinta Feira Santa, não resisti a ir reler umas pistas mais antigas, feitas por mim precisamente há 20 anos... E serviram-me de inspiração para renovar e atualizar a minha oração com esta Palavra de Deus.

E como é bom, Pai, iniciar este tempo de maior proximidade com as palavras que dirigiste a Moisés: “*Este mês será para vocês o mais importante e o primeiro mês do ano*” (Ex 12, 1). Diriges estas palavras a cada um de nós, sempre que te damos espaço no nosso coração e na nossa vida. Seja qual for a circunstância, o momento da nossa existência, desde que o vivamos contigo... É de facto o tempo mais importante!

A vida é um dom e um mistério extraordinário: é simultaneamente frágil e poderosa... tem imenso valor, que se manifesta já hoje (no momento presente) na entrega diária, nos pequenos gestos (tantas vezes tão difíceis e aparentemente repetidos e sem grande significado...).

Experimento cada vez mais que é o Amor, o teu Amor entregue (que pode ser exprimido em tudo e em todos) que dá sentido a tudo (até mesmo àquilo que não entendemos).

“*De facto, eu recebi do Senhor aquilo que vos transmiti...*” (1 Cor 11, 23). Se vivemos com Deus e em Deus é possível transmitirmos sinais

do Amor do Pai, sermos a sua presença na vida dos outros. Mas sempre com um coração alimentado e recompensado com a Palavra e o Amor de Deus...

Ao rezar a leitura 1 Cor 11, 23-26, onde está descrita a celebração da Ceia do Senhor, fez-se claro para mim que sou chamada a ser pão para o mundo. Aliás, todos somos chamados, não só a ser sal e luz, mas também pão para o mundo...

Pão que é tomado (escolhido), abençoado por Deus, partido e entregue para benefício de muitos.

É Jesus quem nos pede, por Amor: *“Façam isto em memória de mim”*. Não somente no momento da Eucaristia, mas convida-nos a fazermos da nossa vida uma Eucaristia! A vivermos cada dia, desde que acordamos até que nos deitamos, como uma Eucaristia viva...

Viver como Escolhidos (tomados) é viver cada dia sabendo que somos filhos amados de Deus e irmãos dos outros; aprender a celebrar e a saborear frequentemente esta realidade; sermos também criativos na forma como podemos contagiar esta experiência aos nossos irmãos.

Viver como Abençoados é descobrir em tudo e em todos, nos outros, em cada momento, a presença do Pai. A oração é cada vez mais uma forma de receber esta bênção. Ir caminhando por este mundo distribuindo “bênçãos”.

Viver como Partidos é viver plenamente as várias dimensões e a complexidade da vida; viver centrados no próximo, nos outros (em vez de nos centrarmos nas nossas fragilidades e incapacidades). Ter a confiança de que não nos vamos destruturar, pois é o Amor do Pai que nos sustenta e alimenta.

Viver como Entregues é saber viver a entrega diária com Amor, procurando sempre o Bem Maior, “treinando” cada vez mais o Amor gratuito, generoso. Viver a alegria e a esperança dos frutos da entrega.

Se realmente acreditássemos que na nossa vida diária somos chamados a ser Eucaristia, a ser Pão para os outros, alimentados pelo Amor de Deus... poderíamos viver muitos momentos de uma forma radicalmente diferente!

“...sabendo Jesus que chegara a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os Seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13, 3).

Amar até ao fim... No último retiro que fiz, no final do ano passado, partilhávamos que somos convidados a amar como o Amor de Jesus: um Amor Exagerado, Extravagante, Louco... Amar até ao fim? O que significa isso na minha vida?

Rezo hoje, Jesus, por nós e por tantas pessoas que muitas vezes trilham este caminho a “sangue frio”. São partidos, entregues, todos os dias, sem conhecerem o teu Amor, sem deixarem que Jesus os “lave”, toque, acolha, encha de Amor. Tudo o que é feito por Amor e com Amor não se perde, mas muitas vezes vive-se o momento presente sem sentido e espera-se o futuro sem esperança. Ajuda-nos neste caminho diário que é sermos Eucaristia e alimento em tantas vidas. *“Já sabem o que é preciso fazer... Felizes se o puserem em prática” (Jo 13, 17).*



“Só o pobre pode ser pão.

Não o vemos claramente em Jesus? Basta que nos situemos em dois momentos-chave da sua vida: o nascimento e a morte.

Em Belém – casa do pão – nasce Aquele que traz em si o desejo do pão para todos. O Messias nasce fora da cidade santa de Jerusalém e, em Belém, não tendo lugar na pousada, nascerá num curral de animais, na proximidade de uns pastores que andam pela noite com os seus rebanhos, os quais serão os primeiros a receber a Boa Notícia. No seu nascimento já está inscrita uma procura dos últimos. O último lugar, a que Jesus convida os seus discípulos, será sempre o seu lugar. Continuamente Ele rompe fronteiras para estar com os últimos. (...)

Somos pão com o outro, ao lado do outro, assumindo no nosso corpo a história do outro. (...)

O nosso lugar é o último, e descobrimo-lo na vida com alegria, com assombro, como um regresso a casa.”

(In “Só o Pobre se faz Pão” – Carlos Maria Antunesi)

Jesus morre hoje

- Is 52,13–53,12 «Assim como muitos ficaram pasmados ao vê-Lo
- Sl 30 (31) - tão desfigurado Ele estava que não parecia ser um homem ou ter aspecto humano
- Hb 4,14-16;5,7-9 Diante do Senhor Ele cresceu como renovo de planta
- Jo 18,1–19,42 ou como raiz em terra seca.
Não tinha beleza nem atrativo para o olharmos,
não tinha aparência que nos agradasse.
Era desprezado como o último dos mortais,
homem coberto de dores, cheio de sofrimentos»
(Is 52, 13 – 53, 12)



Estou a rezar a Sexta-Feira Santa em pleno pico do Covid, a variante “Omicrom” está a deixar um rasto de contagiados por onde passa. Há muitos lares onde todos estão isolados, locais de trabalho fechados, porque as pessoas estão ou infetadas ou em isolamento.

Ainda que existam medos, receios, inseguranças... sente-se, em geral, que as pessoas estão mais descontraídas, temos vindo a assumir que a Covid chegou ao nosso planeta para ficar.

Como não consigo separar o que rezo da realidade que me rodeia, pergunto a Jesus o que tem a ver a Sua vivência, a vivência do dia da Sua morte, com a vivência do nosso Covid. Ele diz-me que tem tudo a ver.

A Sua morte não aconteceu, acontece, continua a acontecer hoje, de formas diferentes, mas continua a ser “morte”.

A nossa pandemia é também a Sua, e Ele morre na cama dos hospitais, entubado e sedado.

Mas Jesus também chama a minha atenção para muitas outras mortes que não devo ignorar, para não ficar a pensar apenas no que é mais falado nos meios de comunicação, para não deixar muitas outras mortes “passar ao lado”.

Jesus continua a morrer em todos aqueles que cruzam rios e mares na procura de um futuro melhor.

Jesus continua a morrer nas guerras.

Jesus continua a morrer de fome.

Jesus continua a morrer vítima de violência.

Jesus continua a morrer de *overdose*.

Jesus continua a morrer nas estradas.

Jesus continua morrer de balas perdidas.

Jesus continua a morrer vitimado pelas injustiças.

Jesus continua a morrer de doenças raras.

Jesus continua a morrer nos atentados.

Jesus continua a morrer nos bebês que não deixam nascer.

Jesus continua a morrer nos que tiram a própria vida.

Jesus continua a morrer...

Jesus também morre nas nossas pequenas mortes, quando somos incoerentes, quando não somos verdadeiros, quando queremos estar acima dos outros, quando nos acomodamos, quando somos egoístas e, também, quando não perdoamos, quando não lutamos pelo bem, quando ficamos com rancor, e quando rejeitamos, quando vivemos sem alegria, sem paciência e sem esperança, quando não protegemos a vida, quando não sabemos amar, quando...

Mas há uma morte especialmente dura para Jesus: é quando lhe “viramos as costas”, tiramos Jesus das nossas vidas e dizemos como Pedro: *“Eu não O conheço”* (Lc 22, 54-70). Nesses momentos, morre Jesus e morremos também nós.

Neste dia da morte de Jesus, vamos olhar, não para a História de há 2000 anos, mas para “hoje”, vamos olhar para nós próprios e à nossa volta, e descobrir rostos que não desejamos ver, porque não têm beleza nem atrativos, não têm aparência que nos agrade.

Ver em mim, e nos outros, alguém desprezado, como o último dos mortais, ver nos homens cobertos de dores e cheios de sofrimentos, ver em todos Jesus a morrer hoje.

Uma petição: não olhemos para outro lado, vamos ter a coragem de olhar a Jesus morrendo, hoje, em mim e em muitos.

Homens jogados ao mar

Como se não bastassem já todas dificuldades que resultam de ter de atravessar mais de 100 quilómetros por mar aberto, a bordo de embarcações superlotadas e em condições precárias, os refugiados que se arriscavam nessas viagens da morte tinham, ainda, de enfrentar o fantasma de mitos para acalmar o oceano.

“É a maldição da tempestade. Quando as ondas agitam furiosamente o barco, a culpa é sempre de alguém que está ao lado, alguém possuído por espíritos malignos, alguém que traz infelicidade para os migrantes que há dias não veem a terra. Então, fazem-se ‘sacrifícios’ em alto-mar. Também se pode morrer assim, no meio do Mediterrâneo”, conta um dos sobreviventes ganeses de apenas 16 anos, que viu o seu irmão ser jogado ao mar.

(Revista IHU on-line
Visita do Papa Francisco a Lampedusa)



“A aliança do Senhor”

Gn 1,26-31	«Atenção! Todos vós que tendes sede, vinde
Sl 103 (104)	beber desta água. [...] Levai vinho e leite, que
Gn 22,1-18	é de graça. [...] A Palavra do Senhor é
Sl 15 (16)	semente. Buscai o Senhor enquanto se pode
Ex 14,15–15,1	encontrar; invocai-o enquanto está perto.
Ex 15,1-2.3-4.5- 6.17.18	[...] Os meus planos não são os vossos
Is 54,5-14	planos, os vossos caminhos não são os meus
Sl 29 (30)	caminhos – oráculo do Senhor. Tanto quanto
Is 55,1-11	os céus estão acima da terra, assim os meus
Is 12,2-3.4bcd,5-6	caminhos são mais altos que os vossos, e os
Br 3,9-15.32–4,4	meus planos, mais altos que os vossos
Sl 18 (19)	planos.»
Ez 36,16-33	(Is 55, 1-11)
Sl 41 (42)	
Rm 6,3-11	
Sl 117 (118)	
Lc. 24,1-12	

E screvo em condições um pouco adversas. Estou doente e a minha filha mais nova também. Mas há dias que os meus olhos repousaram nas leituras de Isaías e Génesis... e rezei ambas, por dentro, antes de adoecer. Deus empapa-se em mim, sempre que deixo. Escolhi Isaías, pois há duas palavras que me atraem e que preciso muito de rezar: aliança e dinheiro.

O Senhor nunca me abandona. É um facto, igual aos factos que apresento ao juiz, às minhas filhas, ou numa carta de amor. Factos. E nada é tão sério, para mim. Tão profundo. O Senhor nunca me abandona, é uma marca de vida. Viver com Deus é mais forte do que a melhor conquista profissional, o melhor amor humano. Jesus é uma aliança de ferro, que transforma e dá rumo ao que faço. A tudo o que faço. E nada fica de fora.

Uma das coisas que mais me impressiona, ao longo dos anos de oração, de relação com Deus, é que, nas minhas confissões, e na minha revisão de vida, nada fica de fora, cada vez tenho mais necessidade de levar tudo ao momento de reconciliação ou da partilha da Revisão de Vida. Se Jesus sabe e vê, quem mais me deseja perdoar e abraçar senão Ele?

A Ressurreição choca. É uma notícia tão brutal, que, como dizia a missionária Paula Jordão, em cada ano nunca sei como a hei de viver, de tão impactante e forte que é. Apregoar, cada manhã, que o meu Deus és Tu, e não o dinheiro, que és Tu e não o meu sucesso, o meu estatuto, e que és Tu a minha primeira opção e não todas as coisas que o mercado proporciona e oferece... é o maior desafio da minha vida.

Esqueço-me disso, por vezes, muitas vezes, acho que pouco valho, se tudo à minha volta não acontecer do modo perfeito, como, no meu modo de ver, as coisas deveriam ser e acontecer.

Peço ao Senhor, neste ano de 2022, neste dia de Páscoa, que inunde mais uma vez o meu ser da água que Ele é, de verdade e de vida. Que todos nós saboreemos pratos deliciosos com Ele, pois a Sua promessa é tudo menos vã.

Há uma particularidade na minha relação com Deus, que tenho de festejar, de agradecer e brindar, nesta Páscoa, que hoje celebramos: em dezenas de anos de fé, nunca senti uma crise de fé, nunca. Deus deixa-me dançar, deixa-me ir ao meu ritmo, compreende as minhas falas e opções, e dá-me sempre a Sua mão segura. Entra no meu carro e senta-se. Entra em minha casa e vem até à minha mesa de jantar. Em todos os momentos de imensa alegria ou de solidão, Ele veste-se de branco ou de azul, e conversa comigo.

Talvez por isso eu tenha dificuldade em entender o alcance total desta frase em Isaías 55, 8 *“os vossos caminhos não são os meus caminhos... os meus caminhos são mais altos que os vossos... e os meus planos mais altos que os vossos planos...”*. Fico com a sensação de que o Senhor nos quer dizer que há tanto mais Dele, no que vivemos, do que possamos imaginar. E que tudo o que desejamos fazer ou controlar, parecendo só nosso, não cabe dentro da imensidão que são os sonhos e os planos de Deus, para cada um de nós.

Amén.



*O ser humano é uma casa de hóspedes.
Toda a manhã uma nova chegada.*

*Uma alegria, uma tristeza, uma mesquinhez
Uma percepção momentânea chega, como visitante inesperado.*

Acolha a todos.

*Mesmo que que seja uma multidão de tristezas,
Que varre violentamente sua casa e a esvazia de toda a mobília.*

*Mesmo assim, honre a todos os seus hóspedes.
Eles podem estar limpando você
para a chegada de um novo deleite.*

*O pensamento escuro, a vergonha, a malícia,
Receba-os sorrindo à porta e convide-os a entrar.*

*Seja grato a quem vier,
Porque todos foram enviados
Como guias do além.*

(Jellaludin Rumi - séc. XIII)

Verdadeiramente ressuscitados!

- At 10,34a.37-43 «Irmãos: Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa? Purificai-vos
Sl 117 (118) do velho fermento, para serdes uma nova massa (...) Celebraremos a festa, não com
1 Cor 5,6b-8 fermento velho, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com os pães
Jo 20,1-9 ázimos da pureza e da verdade.»
(1 Cor 5, 6b-8)

«No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo que Jesus amava e disse-lhes: “Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram”. Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.»
(Jo 20, 1-9)



is-nos chegados à Páscoa!

Chego à Páscoa em frente ao sepulcro vazio, como Maria Madalena! Tenho rezado, tenho tentado contemplar, mas a sensação que tenho é que o sepulcro está vazio! Senhor onde estás? Onde estou eu também?

Nos últimos três meses, tenho vivido num corrupio: mudei de emprego e mudei também todas as rotinas, os ritmos que tinha há mais de quinze anos, a disponibilidade mental e real que tinha para os outros, para os meus filhos, para o meu marido, para os meus pais e família... e disso também se ressentia a minha oração: chego à oração de cabeça cheia, umas vezes cheia de dúvidas, outras cheia de frustração, porque esta mudança não está a ser tão fácil como pensei, outras sem saber onde estou eu no meio disto tudo... Por isso, aqui estou, frente a um sepulcro que acho que está vazio... e digo que “acho” porque há dias, na Missa, cantaste-me aquilo que (penso eu) me andavas a dizer já há bastantes dias mas que eu não conseguia ouvir: que Tu estás sempre na minha vida, estiveste quando nasci, quando cresci, quando chorei e tens estado em cada momento importante, em cada marca de vida. E em cada cicatriz das mortes que também já me marcaram, de outros sepulcros de onde saí...

Para me ajudar a rezar, tornei a ouvir umas pistas da Páscoa do ano passado, onde nos diziam que, para o povo de Israel, a Páscoa significa descoberta de uma nova terra, mas também a descoberta de uma nova imagem de Deus. E que para nós, hoje, a Páscoa fala daquilo que Deus está disposto a passar para dar a vida a quem perdeu a esperança.

Isto tem ressoado em mim, porque realmente sinto que estes “sem esperança” de que falavam somos todos nós: todos nós já

estivemos em caminhos de morte, sem saídas aparentes, caídos na estrada, desorientados sem ver saída possível, sem esperança, sem luz, sem perspectivas, com vergonha... Sepulcros vazios que nos angustiam, nos desesperam, e nos impedem de ver as ligaduras e o sudário que também estão lá.

E por todos, por cada um de nós, Jesus tem dado a Sua vida para nos dizer: olha! Há esperança! Há saídas, há caminhos alternativos! Tu importas! O mundo não é o mesmo sem ti! Tu és precioso para mim!

Conseguimos distinguir esta voz de esperança? Deixo que me ressuscites Senhor?

Somos convidados a procurar novos caminhos – já no Natal me senti imensamente interpelada pelos Magos, que voltaram por outro caminho para salvarem o seu Senhor.

E eu? Que caminhos estou disposto a correr para salvar quem me ressuscita e cura as feridas?

Estou disposto a ser fermento novo? Ou estou agarrado ao fermento antigo, às velhas rotinas que me serviam antes de mudar de emprego, por exemplo?

Os discípulos olharam melhor o sepulcro vazio e conseguiram ver as ligaduras e o sudário, não perceberam muito bem, mas acreditaram e mudaram as suas vidas: acho que aquele foi o verdadeiro momento de transformação que as suas vidas tiveram, aquela reviravolta em que nada mais voltou a ser como dantes. É que uma coisa é sabermo-nos amados por Deus, outra, completamente diferente, é vivermos a partir desse sentimento, dessa certeza interior de que somos profundamente amados e salvos diariamente pelo nosso Pai, que nos enche de esperança e nos mostra novos caminhos, novas formas de amar e de olhar o Mundo que, afinal,

está cheio de outros que, como eu, são filhos deste mesmo Pai. E que todos somos convidados à Ressurreição, à vida para além das mortes diárias, aos caminhos novos... Convidados a ser fermento novo, mensageiros de esperança, pequenas colheres “de café” de fermento (é sempre essa a medida das receitas) espalhadas no Mundo, verdadeiramente ressuscitados, a viver a partir desta certeza de que dentro de nós está o amor de Deus.



*Estive perto de ti quando nasceste,
quando te viraste e mexeste.
Estive perto de ti quando andaste,
quando caíste e te levantaste.*

*Estive perto de ti quando olhaste
o céu e o sol brilharam
Estive perto de ti quando à noite
descansaste o teu olhar.*

*Estou perto de ti agora,
Estarei perto de ti depois,
Estou perto de ti em cada espaço,
Cada abraço, cada passo, em cada marca de vida.*

*Estou perto de ti quando choras,
quando esperas e os minutos duram horas.
Estou perto de ti quando te ris,
quando não te conténs e dizes que és feliz.*

*Estou perto de ti em cada esquina,
cada Homem, cada olhar, cada vida
Estou perto de ti na cidade,
no campo, num sorriso sem idade.*

(Autoria: António Brisson, FaMVD
Intérprete: Família Missionária Verbum Dei)

parte III textos da Igreja

Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 O logo

O logótipo da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, inspirado no tema «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39), tem a Cruz como elemento central. Esta é atravessada por um caminho onde surge o Espírito Santo.

Trata-se de um convite aos jovens para que não se acomodem e sejam protagonistas da construção de um mundo mais justo e fraterno, explica a autora, a jovem designer portuguesa Beatriz Roque Antunes.

As cores (verde, vermelho e amarelo) evocam a bandeira portuguesa.

Cruz

A Cruz de Cristo, sinal do amor infinito de Deus pela humanidade, é o elemento central, de onde tudo nasce.

Caminho

Tal como indica o relato da Visitação que dá tema à JMJ Lisboa 2023, Maria parte, pondo-se a caminho para viver a vontade de Deus, e dispendo-se a servir Isabel. Este movimento sublinha o convite feito aos jovens para renovarem «o vigor interior, os sonhos, o entusiasmo, a esperança e a generosidade» (Christus Vivit, 20). A acompanhar o caminho surge, ainda, uma forma dinâmica que evoca o Espírito Santo.

Terço

A opção pelo terço celebra a espiritualidade do povo português na sua devoção a Nossa Senhora de Fátima. Este é colocado no caminho para invocar a experiência de peregrinação que é tão marcante em Portugal.

Maria

Maria foi desenhada jovem para representar a sua figura tal como é retratada no Evangelho de São Lucas (Lc 1, 39) e potenciar uma maior identificação com os jovens. O desenho exprime a juvenilidade própria da sua idade, característica de quem ainda não foi mãe, mas carrega em si a luz do mundo. Esta figura aparece levemente inclinada, para mostrar a atitude decidida da Virgem Maria.



RESUMO DA HOMILIA DO PAPA FRANCISCO NA ENTREGA DOS SIMBOLOS DA JMJ A PORTUGAL 22-II-2020

O Santo Padre destacou a importância dos “grandes sonhos” na vida dos jovens, para que estes alarguem os seus “horizontes” e não fiquem “estacionados nas margens da vida”. “Não fomos feitos para sonhar aos feriados ou ao fim de semana, mas para realizar os sonhos de Deus neste mundo. Ele tornou-nos capazes de sonhar, para abraçar a beleza da vida”, frisou.

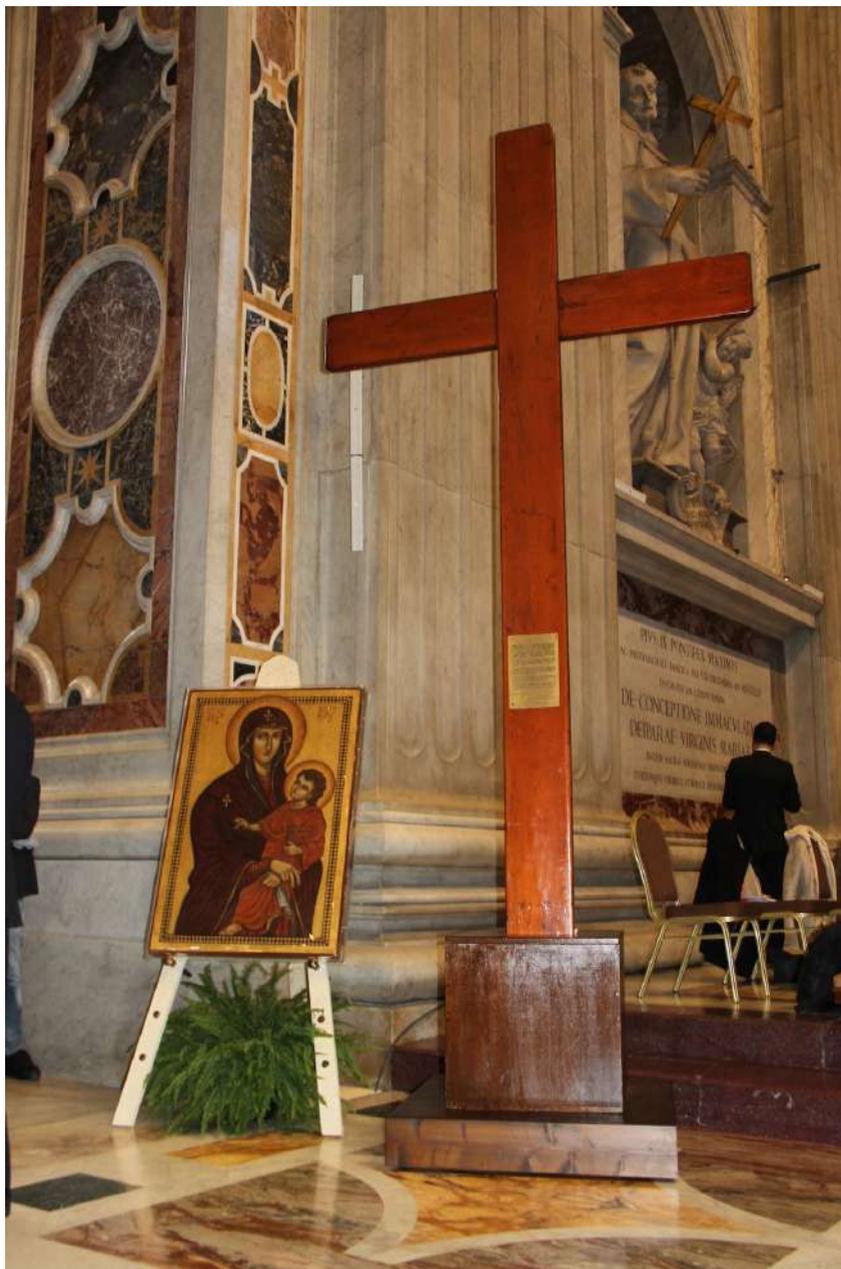
O Papa alertou que “escolhas banais levam a uma vida banal”, realçando que “a beleza das opções depende do amor”. “Se escolhermos roubar, tornamo-nos ladrões; se escolhermos pensar em nós mesmos, tornamo-nos egoístas; se escolhermos odiar, tornamo-nos furiosos; se escolhermos passar horas no telemóvel, tornamo-nos dependentes. Mas, se escolhermos Deus, vamo-nos tornando dia a dia mais amáveis; e, se optarmos por amar, tornamo-nos felizes”, afirmou.

O Santo Padre admitiu que, na vida dos mais novos, há “obstáculos” no momento de decidir, “o medo, a insegurança, os porquês sem resposta”. “A vida já está cheia de escolhas que fazemos para nós mesmos: ter um diploma, amigos, uma casa; satisfazer os próprios passatempos e interesses. De facto, corremos o risco de passar anos a pensar em nós mesmos, sem começar a amar”, advertiu.

No final da homilia, o Papa deixou um “conselho” para que os jovens possam “escolher bem”. “A opção diária situa-se aqui: escolher entre o que me apetece fazer e o que me faz bem. Desta busca interior, podem nascer escolhas banais ou escolhas vitais. Olhemos para Jesus, peçamos-Lhe a coragem de escolher o que nos faz bem, de caminhar atrás d’Ele pela via do amor e encontrar a alegria”, declarou.

Texto integral em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20201122_omelia-passaggiocroce-gmg.html



BREVE HISTORIA DA SINODALIDADE

SINODALIDADE: Vem do vocábulo grego: **συνοδοζ**, da partícula **συν** = com, e o substantivo **οδοζ** = caminho.

Então significa: “Caminhar com; caminhar juntos”

A sinodalidade não é a organização de um conjunto de eventos ou processos sinodais, é sim, como diz o Papa, “Uma dimensão constitutiva da Igreja”.

A Igreja ou é sinodal, ou não é Igreja, e assim é, por maioria de razão, com a Igreja que Jesus fundou. Nela os discípulos de Jesus “caminhando conjuntamente”, testemunham a beleza do Reino de Deus.

A comissão teológica internacional do sínodo define a sinodalidade como: “O estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, expresando a sua natureza como um “caminhar juntos”, reunir-se em Assembleia, como Povo de Deus convocado por Jesus e guiado pelo Espírito Santo para anunciar o Evangelho.

Modus vivendi e modus operandi, assim é como deve viver e trabalhar a Igreja, em sinodalidade.

A sinodalidade é um estado dinâmico, como diz o Papa é “Estar em saída, a caminho”, não ficar instalados, parados.

A sinodalidade é o ADN da Igreja, é “caminhar juntos como povo de Deus”, guiados pelo Espírito Santo. O próprio Deus é um caminhante, que caminha com toda a Humanidade.

Por outro lado, todos nós somos “homens viator”/viajante, caminhantes, peregrinos ao serviço do Reino de Deus e em Igreja.

A sinodalidade não é uma moda, é, sim, a essência da própria Igreja.

Na Bíblia podemos ver um caminho sinodal do Povo de Deus, sempre a caminho, e sempre acompanhado por Deus. O espírito sinodal está presente tanto no Antigo como no Novo Testamento.

No Século III, já S. Inácio de Antioquia e S. Cipriano de Cartago, se atreveram a dizer que “Se é bem verdade que nada se pode fazer na Igreja sem o Bispo, também o é que nada se pode fazer sem o consentimento dos presbíteros, dos diáconos e **de todo o povo de Deus**”.

No Século IV: já se constituíram províncias eclesiásticas, com assembleias, concílios, sínodos, no entanto, é no Seculo XX, com o Concilio Vaticano II (faz agora 59 anos), que conseguimos perceber uma grande diferença na experiência e vivência da sinodalidade, a este nível há como que “um antes” e “um depois” do Concilio Vaticano II.

Muito embora não encontremos, nos documentos finais do Concílio, uma referência expressa ao termo “sinodalidade”, este conceito, com o significado que referimos, já resulta claramente do seu espírito.

Marca-se, no Concílio Vaticano II, uma eclesialidade de comunhão, na qual todos têm a mesma dignidade, a dignidade que lhes é dada pelo batismo.

Na Constituição sobre a Igreja “Lumen Gentium”, (Luz dos Povos), encontramos uma estrutura metodológica que nos fala de uma grande mudança, uma verdadeira revolução.

Opta-se por salientar na Igreja todo o Povo de Deus, ao qual é preciso ter em conta, e saber que a totalidade dos fiéis” não pode enganar-se na fé, por isso se diz com um termo latino “é infalível in credendo”, infalibilidade na fé, não pode enganar-se na fé.

O Concílio Vaticano II, cria um forte sentido de igualdade e de corresponsabilidade na Igreja.

“Um só é, pois, o Povo de Deus: «um só Senhor, uma só Fé, um só Baptismo (Ef 4,5); comum é a dignidade dos membros, pela regeneração em Cristo; comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só salvação, uma só esperança e uma caridade indivisa. Nenhuma desigualdade, portanto, em Cristo e na Igreja, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo, porque «não há judeu nem grego, escravo nem homem livre, homem nem mulher: com efeito, em Cristo Jesus, todos vós sois um» (Gál. 3,28 gr.; cfr. Col. 3,11; cfr. LG n.32).

“Os sagrados pastores devem reconhecer e fomentar a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja; devem recorrer, espontaneamente, ao seu conselho prudente, entregar-lhes, confiar-lhes cargos ao serviço da Igreja, dar-lhes margem e liberdade de ação, incentivá-los, inclusivamente, a ter iniciativas, a ser empreendedores, dinamizadores. Considerar, atentamente e com amor paterno, em Cristo, as iniciativas, pedidos, desejos e propostas dos leigos. E reconhecer a justa liberdade que a todos compete na cidade terrestre”. Cfr. LG n.37.

O Concílio Vaticano II, propiciou um trabalho mais sinodal, deu orientações no sentido de organizar, na Igreja, sínodos de bispos, que, vindos de todas as partes do mundo, trouxessem consigo as inquietações de todo o povo de deus, dos seus diversos territórios. Cria-se, desta forma, na Igreja, uma dinâmica de “a todos” escutar.

O **Sínodo dos Bispos** é uma instituição permanente, criada pelo **Papa Paulo VI** (em setembro de **1965**), como uma forma de dar resposta aos desejos dos Padres do Concílio Vaticano II de manter vivo o espírito de colegialidade nascido da experiência conciliar, já na última Assembleia, no 4º período do Concílio.

Os papas que se seguiram deram continuidade a esse processo de fomentar os sínodos de bispos, sejam eles continentais, nacionais ou regionais.

Discurso comemorativo do 50º aniversário do primeiro Sínodo

Foi a 17 de outubro de 2015, no cinquentenário da instituição do sínodo, à qual já nos temos referido, quando o Papa nos falou claramente da sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja”.

Este discurso do Papa é um dos seus discursos mais desafiantes. É considerado como “um discurso memorável sobre a reforma da Igreja, que se tornou imediatamente histórico, a partir dele, a luminosidade do princípio sinodal brilhou com luz forte e ténue.”

O Papa diz neste discurso: “Desde o início do meu ministério como Bispo de Roma, pretendi valorizar o Sínodo, que constitui um dos legados mais preciosos da última sessão conciliar. Segundo São Paulo VI, o Sínodo dos Bispos devia repropor a imagem do Concílio Ecuménico e refletir o seu espírito e o seu método. O mesmo Pontífice previa que o organismo sinodal, «com o passar do tempo, poderia ser aperfeiçoado». Fazia-lhe eco, vinte anos depois, São João Paulo II ao afirmar que “talvez este instrumento possa tornar-se ainda melhor”. Por fim, em 2006, Bento XVI aprovava algumas variações.

Devemos continuar por esta estrada. O mundo em que vivemos, ao qual somos chamados a amar e servir, mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é, precisamente, o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio.

Na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, sublinhei como «o povo de Deus é santo em virtude desta união, que o torna infalível “in credendo”», acrescentando que «(...) cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções. (...)».

Jesus constituiu a Igreja, colocando no seu vértice o Colégio Apostólico, no qual o apóstolo Pedro é a «rocha» (cf. Mt 16, 18), aquele que deve «confirmar» os irmãos na fé (cf. Lc 22, 32). Mas nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se «ministros», porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos. É servindo o Povo de Deus que cada bispo se torna, para a porção do Rebanho que lhe está confiada, vigário daquele Jesus que, na Última Ceia, Se ajoelhou a lavar os pés dos Apóstolos (cf. Jo 13, 1-15). E, num tal horizonte, o Sucessor de Pedro nada mais é do que *servus servorum Dei*.

Estou convencido de que, numa Igreja sinodal, também o exercício do primado petrino poderá receber maior luz. O Papa não está, sozinho, acima da Igreja; mas, dentro dela, como baptizado entre baptizados e, dentro do Colégio Episcopal, como bispo entre os bispos, chamado simultaneamente – como Sucessor do apóstolo Pedro – a guiar a Igreja de Roma que preside no amor a todas as Igrejas.

Igreja que se coloca na escuta, n’Ela todos devemos falar com valentia e liberdade, e escutar com humildade.

FRANCISCO, Discurso na Vigília de Oração de preparação para o Sínodo sobre a Família, 4 de Outubro de 2014. – «Para os padres sinodais pedimos antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama».



Texto integral em:

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_ da oração;

_ do ministério da Palavra;

_ do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com